

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

COSMOVISÕES, DESENVOLVIMENTO E DESTINO HUMANO¹

Jose Dalmo Silva De Souza².

¹ Reflexão desenvolvida para a disciplina Escalas e Dimensões dos Processos de Desenvolvimento do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional - UNIJUI (DOUTORADO)

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional da Unijui

“Ao pegar em armas contra um mar de angústias, não há instrumento mais poderoso ou mais distintamente humano que a capacidade do cérebro de impor sentido à confusão do mundo.”

Stephen Jay Gold

Sinopse

O presente texto discute a importância das dimensões do desenvolvimento ao nível mais amplo das escalas cósmica e planetária. Inicialmente introduz-se o assunto, explicitam-se os conceitos utilizados e apresentam-se as escalas e dimensões justificando-se as escolhas metodológicas. Algumas das diversas dimensões (áreas do conhecimento) são analisadas segundo uma hierarquia sob a categoria superior de Cosmovisão ou Visão de Mundo. Nesta categoria selecionaram-se as cosmovisões científica e cristã como representantes das respectivas famílias Filosofia e Religião. A partir da aplicação dos conceitos e análise de causas e efeitos (primários, mediatos e imediatos) busca-se identificar e explicitar os vínculos com os processos de desenvolvimento (econômico). Como conclusão busca-se apresentar o contraste entre as duas análises e uma indicação de mensuração do desenvolvimento embora, por natureza, insuficientes e inadequadas segundo um princípio da teologia cristã.

INTRODUÇÃO

A discussão do desenvolvimento da sociedade humana inclui um componente fundamental para além da questão visível do progresso da técnica ou da direção das decisões humanas em relação aos aspectos materiais. Esse fator primacial é o que se chama de Cosmovisão ou Visão de Mundo (Sire, 2004; MacArthur, 2010). Do ponto de vista da caminhada humana podem-se distinguir diversas cosmovisões conforme sua localização no espaço e no tempo. Neste trabalho serão contrapostas a visão Cristã de mundo à visão científico-moderna. Tal escolha metodológica se justifica pela importância fundamental das linhas escolhidas: a teológica – e, por extensão, uma representante religiosa – e a científica, concepção divergente da perspectiva religiosa. Primeiramente deve ser assentado que a própria permanência do movimento da humanidade é essencialmente conduzida por sua visão de mundo pois que esta determina a própria noção do que seja a Humanidade em si. Isso significa que o Homem se identifica segundo a cosmovisão adotada. Fundamentalmente, a visão que o Homem tem de sua existência mostra duas imagens. A primeira é a vida em um sistema Cosmos, ou seja, um mundo em que existe uma ordem implicada abrangente a todas as coisas; a segunda é a vida em um sistema Universo, ou seja, um mundo em que existe uma ordem implicada parcialmente, que determina certos limites e constrangimentos que, embora permeie todo o sistema ainda assim permite uma abertura para transformações do conjunto. Tomando-se escalas como referenciais espaço-geográficos e dimensões como aspectos autopoieticos da existência humana identificados pelas diversas áreas do conhecimento humano aqui se abordará a questão das escalas

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

cósmica e planetária em suas ligações com os processos de desenvolvimento segundo as perspectivas da Filosofia e da Religião Cristã. A cosmovisão cristã pertence às correntes religiosas da Humanidade, ou seja, aquele tipo de compreensão sobre o Homem que o localiza em relação ao mundo espiritual; a Filosofia pertence à visão que mostra o Homem localizado em relação a si mesmo. Neste sentido, embora a Filosofia em si não seja uma ciência, a atual visão tecnológico-científica da sociedade contemporânea ocidental (desde a Idade Moderna) é a face mais aparente desta forma de entendimento sobre a vida. Para todos os fins e principalmente para marcar a distinção com relação à corrente teológico-cristã chamaremos ao conjunto filosófico-científico (a Ciência e o antropocentrismo exigido) de Humanismo (Lloyd-Jones, 2011). Assim, teremos em consideração, por um lado, uma abordagem que considera a existência de Deus e, por outro, uma que se abstém (sem necessariamente se contrapor) de explicações que levem em conta o fator “divino”.

Sub species aeternitatum

O Humanismo, aqui sintetizado na expressão *Sub species aeternitatum*, reflete a contemplação da existência humana pela perspectiva da Filosofia, ou seja, do esforço humano quando contemplado para além da Humanidade, do ponto de vista da Eternidade. Desde a busca pelo bom e pelo belo dos gregos até a explicação atual da ciência econômica pela busca do interesse próprio, há uma continuidade na ação humana. Esse continuum concretiza-se em uma constante atitude movida pelo auto interesse e centrada no objetivo de elevação da condição própria na qual se encontra (Caillé et alii, 2006). O Homem não pertence simplesmente à Natureza, mas se sobrepõe a ela “Como que senhores sobre a Natureza para a dominar e subjugar” (Descartes, 1979). No Humanismo, O Homem se assume como centro do Universo e se coloca como protagonista da História. Assim, coerentemente, sua visão de mundo entende “o Homem como medida do próprio Homem” e concretiza-se na centralidade do Homem na História, sendo esta, fruto de suas próprias mãos. O Homem constrói seu próprio destino lutando contra as limitações e constrangimentos das leis que regem o mundo.

Esse ponto de vista concede importantes características à auto condução do Homem na escala universal e a partir dela à auto condução em escala planetária em seus arranjos econômico-sociais, atualmente, estados nacionais e blocos econômicos. Do ponto de vista da dimensão Físico-química, a Teoria do Big Bang explicita os limites nos quais o Homem pode atuar (Moreland e Reynolds, 2006; Miranda, 2010). Evidentemente que grande parte de seus esforços é justamente no sentido de explorar esses limites e, dentro do possível, excedê-los. Por exemplo, o Princípio da Entropia e o espectro de crescente dissipação de energia implica não só um esforço no sentido de aproveitamento da energia na forma de trabalho (na organização social) mas, também e sobretudo, a noção de que o Universo caminha inexoravelmente para um final onde a estagnação será o estado determinante. Se a morte do Universo é a ausência de movimento, então, isso quer dizer que a vida é movimento e, portanto, o Homem deve escolher seus movimentos e assim, determinar sua vida. A Natureza impõe os limites, mas o futuro é aberto, indeterminado e o Homem é senhor de seu destino dentro dos limites impostos por estes constrangimentos. E nada indica, inclusive, que o Homem não possa romper tais limitações. A ciência é o caminho.

Na dimensão da Biologia, a Teoria da Evolução (Dawkins, 2007) implica uma constante lapidação e transformação a partir da adaptação dos seres vivos aos constrangimentos da Natureza. Mas o

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

próprio contexto no qual está inserido o Homem é transformado e, assim, ao mesmo tempo que transforma o ambiente – o próprio espaço é um espaço social e o tempo, um tempo individual – e recebe suas influências, o Homem constrói a si mesmo, ou seja, causa os efeitos que se abaterão sobre ele, para o bem e para o mal. O Humanismo é inerentemente evolucionário e admite a ideia de progresso humano melhora natural e a conquista do desenvolvimento com o atingimento de etapas mais sofisticadas, níveis mais altos, estados melhores da vida humana. Mas isso, a custo da execução de trabalho e sua exigência de gasto de energia. O Homem veio do nada e por acaso e vive uma duração determinada pela existência do Universo que, no entanto, dado que vivo, está morrendo. Nesse ainda, o Homem vive, vindo do nada e indo para lugar algum com a certeza da morte individual e, finalmente, universal. Enquanto existir, o Homem simplesmente perdura em uma condição de circunscrição de um eterno ainda. Esse ainda, segundo Asimov (1980), é o momento depois de cinco bilhões de anos atrás quando o Universo se formou a partir de elementos mais simples e caminhou para a formação da matéria em suas diversas conformações: elementos mais abundantes e mais simples; elementos mais “pesados” pela aglutinação de massa (quantidade de matéria) pelas quatro forças fundamentais (eletromagnética, nuclear forte, nuclear fraca e gravitacional) e, portanto, mais raros. O tempo determina as quantidades do Universo e, portanto, sua qualidade. Isso, dentro do imperativo da Lei da Entropia: caminha-se para formas mais difusas de energia e, inexoravelmente, para a estagnação (morte). Todo o otimismo humanista encontra seu limite – provisório? – na luta do Homem. Se a entropia exige maior gasto de energia para elevação da organização da vida do Homem (manter e elevar nível de ordem), há que se gastar a vida nisso. Não só a luta por formas de energia (guerra) ganha sentido, como justifica todo esforço no desenvolvimento de formas alternativas de energia e, no extremo, de poupança do que já domina: reduzir o desperdício, reduzir o consumo, reutilizar os produtos, recuperar e também reciclá-los bem como renovar, ou seja, inovar: administrativa e tecnologicamente (Souza, sdg).

Ao mesmo tempo, esse ainda é o momento anterior aos próximos cinco bilhões de anos à frente. O Universo impessoal “não tem interesse” na Humanidade. Portanto, catástrofes cosmológicas invadem a imaginação e os estudos técnicos do Homem. Há que se preparar para enfrentar tais desafios (desviar cometas homicida-suicidas; colonizar outros planetas quando do esgotamento da capacidade da Terra de sustentar a vida...). Tais investimentos também são exigidos para a prorrogação do tempo do ser humano sobre a superfície do planeta: o aumento exponencial da população humana impõe elevação de investimento em tecnologia para a produção de bens e serviços (moradia, locomoção, alimentação...) e a constante consideração da escassez dos recursos. Da inexorabilidade econômica ninguém escapa. Como conclusão, a partir da admissão de um futuro aberto, não se pode apontar o estado de um destino final. No entanto, pode-se tecer algum juízo de valor para subsidiar reflexões sobre nós - a Humanidade - a partir de nós mesmos: Pode-se chamar de desenvolvida uma vida que é uma ameaça real a si mesma e a todas as demais formas de vida do planeta que habita e, potencialmente de todo o Universo? Podemos dizer que a Humanidade, concretizada nas sociedades têm evoluído apesar do inegável progresso técnico alcançado?

Ecce nova facio omnia

A Cosmovisão Cristã tem como centralidade a existência de Deus e, assim, Sua obra (Criação, Redenção e Salvação) é concretizada na vida da Humanidade (História). A necessidade de trabalho é inerente à criação, pois é desde o início responsabilidade do Homem guardar e cuidar do Jardim

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

no Éden (Bíblia: Gênesis 2:15; Doutrina da Mordomia Cristã). Posteriormente, com a Queda do Homem (o Pecado) o trabalho foi multiplicado em dificuldades e elevado sine quae non conditio para a subsistência da vida na Terra (Bíblia: Gênesis 3:19). Assim, viver é consumir e isso implica gasto de energia. Inobstante esta condição do mundo, aos filhos de Deus (Doutrinas da Eleição e Predestinação) a existência está assegurada (Doutrina da Providência), inclusive, através do sobrenatural (milagres) devendo, assim, o homem trabalhar e ter fé, não em si, mas em Deus. O Homem e seu mundo estão sob a proteção de Deus e, o planeta, criação de Deus não será destruído e nem ficará desabitado (Bíblia: Gênesis 9: 8-17; Evans e Coder, 2002; Bandkroft, 2011; Mullins, 2005). Por isso, o homem não precisa fazer de sua vida a busca pelo auto interesse sequer no sentido da existência individual e, ainda menos, do mundo (Bíblia: Mateus 6: 25-34). Em realidade, seu auto interesse é cumprir a vontade de seu Pai, pois não só a Terra, mas tudo que ela contém é propriedade de Deus (Bíblia: Deuteronômio 10:14; Bíblia: Salmos 24:1). Esse ponto de vista traz importantes características à condução do Homem na escala cósmica e a partir dela na condução em escala planetária em seus arranjos econômico-sociais, atualmente, estados nacionais e blocos econômicos. Os justos estão no mundo material (e, de modo geral, sujeitos à sua dinâmica, limites e constrangimentos) e têm uma missão a cumprir. Viver é cumprir a vontade de Deus, ou seja, assumir seu papel/função no Plano de Deus. Deus tem um propósito na vida dos Seus e esse Plano transcende ao mundo material embora englobe toda a Criação e inclua, portanto, a Restauração da Criação e Juízo sobre o mundo. Pelas diversas perspectivas que a vida proporciona o crente vê sempre uma e a mesma realidade: Deus é o autor da História. Deus está no comando, quer seja da criação material que se apresenta como um todo organizado no qual existe ordem, pois tudo foi criado com número, peso e medida; quer seja do planeta cuja criação e renovação já aconteceu fora do tempo; quer seja da Humanidade que foi restaurada/redimida; quer seja de cada uma das pessoas (e todo ser que respira) individualmente. A existência humana é um sistema fechado e determinado. Tem marcos históricos e futuro infinito, pois a alma é eterna (Bíblia: Isaías 51: 16; 69:17; Bíblia: Apocalipse 21: 1). Porém, do ponto de vista de caminhar pela duração, a mente cristã é desafiada no cotidiano da vida humana e o conhecimento do Homem. Na dimensão física da criação a noção cristã é a do Criacionismo. O Advento da Queda promoveu a corrupção da matéria e da conduta humana, mas o futuro é fechado, determinado. Não existe destruição da Terra “natural” e nem artificial. O planeta cumprirá o Plano de Deus para ele.

Do ponto de vista da dimensão biológica, embora possam existir mutações genéticas (falha na reprodução celular devido à degeneração pelo pecado) não há algo parecido como Evolução das formas de vida a ponto de transformação radical na criação original. Não há transformação, somente degeneração. Tudo se resume em guardar e cuidar da terra. O solo, os mananciais, a flora e a fauna... ecossistemas, agroecossistemas... as pessoas... tudo é criação de Deus e foi entregue ao Homem – e cada pessoa individualmente partilha dessa obrigação de cujo desempenho haverá cobrança – para conservar e zelar. A mordomia implica trabalho e fé. Deus dá a terra, a água e a semente. Nós trabalhamos e vemos o fruto da terra. E se não temos como trabalhar ainda assim, temos provisão. Sede e fome de Deus movem as ações dos salvos. E arrependimento e perdão os sustentam pela misericórdia de Deus. Santificar-se (viver de modo justo, separado da dinâmica do sistema-mundo) é o comportamento adequado aos salvos do pecado por Cristo.

Na dimensão da organização social e política os governos humanos e, por extensão, os Estados cumprem a função de apresentar aos seres humanos o imperativo da justiça, obtida por coerção e

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

violência, sob a condição de sacrifício da sociedade. Independentemente disso, a organização dos justos é a Igreja. A Lei da Liberdade Perfeita implica completa harmonia entre a vontade de Deus e do Homem e exige a obediência secundária à lei dos homens mediante o condicionamento ao princípio da obediência primeira a Deus. O mesmo comportamento se exige quanto ao estabelecimento da organização econômica para a busca pela elevação do bem estar material econômico individual. Mas o justo não se guia por tal diretriz. Está sujeito a isso e cumpre desde que a condição básica de sua vida social seja preenchida: importa antes obedecer a Deus que aos homens. Nesse sentido, estar sob uma determinada ordem social, política e econômica se apresenta apenas como o contexto no qual o justo deve aperfeiçoar a obra de Deus, ou seja, ser sal da terra e luz do mundo. Isso somente é possível devido ao entendimento de que a “cultura” cristã não se forma devido à luta contra o imperativo econômico, ou seja, não é fruto histórico da existência humana per se. Ao contrário, como Deus é o autor da História, a cultura cristã é determinada em função de Deus e, portanto, provisão de todas as necessidades. Nesse sentido, a produção de bens e serviços não serve ao imperativo da busca de lucro. Em outras palavras, a vida econômica não é baseada na exploração da existência das necessidades, mas sim efetivamente na satisfação delas, tanto materiais quanto espirituais (Bíblia: Livro de Rute). Criacionismo, Queda e Redenção, Mordomia e Providência (entre outras) são as bases para se compreender que a Terra caminha para o final da História do pecado e não do Homem. Assim, para o homem a pré-ocupação é quanto ao pecado – ou seja, pano de fundo – e a ocupação é com a promoção do Reino, a proclamação do Evangelho. O fim da História não é ditado pelo Homem e sim, determinada por Deus (Evans e Coder, 2002; Bandkroft, 2011; Mullins, 2005). O “problema” do Homem é o pecado e o Homem não salvará a si mesmo, à Humanidade, ao planeta ou ao Cosmos. Não é esta sua função, seu papel, sua missão. Só Jesus Cristo salva. E Ele não disse que nos livraria de toda tribulação nem que a pobreza deixaria de existir. Desenvolvimento não é comida nem bebida, mas justiça de Deus. Como conclusão, a partir da Cosmovisão Cristã, formula-se uma reflexão a partir de uma constatação: pode ser chamada de desenvolvida uma vida que não tem felicidade em existir para honrar a Deus satisfazendo as necessidades dos outros?

Considerações Finais

Cosmovisões são esferas exclusivas e se auto excluem na luta pela hegemonia do pensamento humano. Isso se torna evidente quando se contempla as palavras de Adam Smith, proferidas antes do grande economista propor o princípio da maximização do auto interesse como satisfação de necessidades (materiais econômicas) “É a vaidade, e não a tranquilidade ou o prazer, que nos interessa”. Quando se observa o Universo, a compreensão e a tomada de posição frente a uma ordem que deve ser construída em meio a uma diversidade com unidade implicam (exigem) a busca pela felicidade. Assim, o indivíduo é o senhor de seu próprio destino e as relações sociais constroem a História da Humanidade. Dado o imperativo econômico e o Princípio da maximização do auto interesse, existe uma relação direta entre bem-estar material (econômico) e felicidade, embora tal relação “ainda” não totalmente compreendida pela ciência. Isso, no entanto, não impede de se observar que a redução das incertezas da vida material se dê pela produção (e sua interface, o acesso) de bens e serviços. Daí, por extensão, a importância do Dinheiro e do Poder. Nesse sentido, a ação humana visa a maximização do auto interesse o que em termos gregos significa que o homem é uma criatura hedonista, ou seja, busca o prazer e evita a dor. Qual o fim da História?

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Quando se contempla o Cosmos, a compreensão e a tomada de posição frente a Ordem implicada não habilitam a busca pela felicidade pois ela nos é dada ou não existe. Felicidade é submeter-se ao fardo leve e ao jugo suave de Jesus Cristo. O justo é um instrumento de Deus e sua vida não lhe pertence. Produtos (bens e serviços) são necessários para sobrevivência física, ou seja, usufruto e não, acumulação e as relações sociais existem para determinado fim qual seja, operar a salvação individual (teleologia). Jamais seremos desenvolvidos, embora possamos influenciar nosso contexto de modo que uma maior afluência material não seja motivo de perda maior de bem estar. Mas isso não entra nas estatísticas senão como perda ou como mistério: felicidade sem riqueza?!

REFERÊNCIAS

- Asimov, I. O colapso do universo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- Bankroft, E. H. Teologia Elementar: doutrinária e conservadora. São Paulo: Editora Batista Regular, 2011.
- Bíblia.
- Caillé, A.; Lazzeri, C.; Senellart, M. (orgs). História Argumentada da Filosofia Moral e Política: a felicidade e o útil. São Leopoldo, RS: Editora da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), 2006.
- Dawkins, R. O gene egoísta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Descartes, R. Discurso do método. Lisboa (Port.): Edições 70, 1979.
- Evans, W.; Coder, S. M. Exposição das grandes doutrinas da Bíblia. São Paulo: Editora Batista Regular, 2002.
- Fukuyama, F. O fim da história e o último homem. São Paulo: Rocco, 1992.
- Lloyd-Jones, D. M. Humanismo. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas – PES, 2011.
- _____. A igreja e o estado: funções diferentes. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas – PES, sdp.
- MacArthur, J. Princípios para uma cosmovisão Bíblica: uma mensagem exclusivista para um mundo pluralista. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- Miranda, E. E. de. O íntimo e o Infinito: o universo das ciências e o cosmos das religiões. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2010.
- Moreland, J. P.; Reynolds, J. M. Criação e Evolução: três pontos de vista. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- Sire, J. W. O universo ao lado: a vida examinada – um catálogo elementar de cosmovisões. São Paulo: Hagnos-United Press, 2004.
- Smith, A. Teoria dos Sentimentos morais. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1999.
- Souza, J. D. S. de. O Paraíso Perdido: ensaio sobre economia e a natureza humana. Não Publicado, 2006.